DOI: 10.32334/oqnfp.2024n55a1050

APRESENTAÇÃO

José Fernandes Weber & Mauricio Fernando Pitta

Para poucos filósofos valerá, com a mesma intensidade e alcance, o qualificativo de pensador da multiplicidade e da diferença quanto para Nietzsche. Seja pela amplitude do espectro temático que elege e dos problemas que aborda; seja pela variedade de estilos e de formas de expressão do pensamento que adota; seja pela relação sempre polêmica que estabelece com a tradição filosófica, mas não apenas com ela, visto que o deslocamento do seu interesse para campos não restritos ao plano mais técnico da filosofia permite chamá-lo de "filósofo da cultura"; seja, ainda, pelo interesse nas questões filosóficas, culturais, políticas, artísticas e científicas características do seu tempo; seja, também, pelas radicalmente distintas, divergentes e, em muitos casos, inconciliáveis interpretações que seu pensamento suscitou; seja, por fim, pela fecundidade do seu pensamento para pensar a nossa contemporaneidade: problemas de gênero, da crise ecológica, da virada animal-vegetal, do transumanismo, da crise da Europa como o universal civilizatório, do alargamento da compreensão da relação natureza-cultura e a consequente emergência de distintos modos de vida e de expressões de mundos outros; por tudo isso, o pensamento de Nietzsche se configura como múltiplo, plural. É um campo aberto constituído por tensões produtivas, também naqueles casos em que se é obrigado a recusar suas posições, dado preconceitos que lhe são peculiares, visto que seria inconciliável com o interesse crítico por sua obra se apenas praticássemos filosofia confessional ou se mantivéssemos uma relação confessional com o pensamento. E das várias noções propostas pelo filósofo, a noção de perspectivismo é uma das que expressa de modo mais exemplar a multiplicidade e a pluralidade características do seu pensamento.

Em sua formulação mais conhecida, e na qual se tem acesso à elaboração mais concentrada da sua compreensão do perspectivismo, Nietzsche afirma:

> *Contra o positivismo, que permanece no fenômeno: "existem somente fatos", eu diria: não, justamente não há fatos, somente interpretações. Nós não podemos estabelecer nenhum fato "em si": é sem sentido, talvez, querer algo assim. Vocês dizem: "tudo é subjetivo"; mas isto é interpretação, o "sujeito" não é algo dado, mas algo composto e acrescentado, ocultamente proposto* (Hinzu-Erdichtetes, Dahinter-Gestecktes)*. – É necessário, por fim, colocar o intérprete por trás da interpretação? Já isto é composição poética* (Dichtung)*, hipótese. Na medida em que, em geral, a palavra "conhecimento" tem sentido, o mundo é cognoscível: mas é sempre interpretável de outra maneira, ele não tem sentido por trás dele, mas inumeráveis sentidos, "perspectivismo". São nossas necessidades que interpretam o mundo: nossos impulsos* (Triebe) *e seus prós e contras. Todo impulso é uma espécie de ânsia de domínio, todo ele tem sua perspectiva, que gostaria de impor como norma a todos os outros impulsos (Nietzsche, Fragmento inédito n. 7 [60], do final de 1886-primavera de 1887. In: KSA, 12, p. 315)*[1]

Assim interpretada, a noção de perspectivismo leva às últimas consequências a crise da razão instaurada na modernidade num sentido em que a própria crise é levada aos seus limites e radicalizada. Não estamos mais autorizados a supor a possibilidade e a viabilidade, mesmo que mínimas, de apreensão de um em si pelo acionamento de um quadro categorial condizente com o ser, tampouco continua aberta a via subjetiva que construiria a objetividade do conhecimento pelo acionamento das engrenagens ou estruturas cognitivas do sujeito. Num mesmo movimento, a noção nietzschiana de perspectivismo recusa a versão clássica e cristã de apelo à transcendência, assim como a versão moderna do recurso ao transcendental. Não há conhecimento objetivo do ser em si, sequer conhecimento objetivo para nós, pela razão de que não há estruturas constitutivas do que é. Assim sendo, também os próprios fatos são meras suposições: configurações pontuais e temporárias de um arranjo motivado e precário. Disso resulta o impedimento à continuidade dos discursos de origem e a obrigatoriedade da adoção das composições por nascimento. Caso quiséssemos manter a linguagem da metafisica, diríamos: o ser, o ente,

---

1 Tradução de Oswaldo Giacoia Jr. **Perspectivismo e interculturalidade**. São Paulo: N-1 edições, 2025, p. 15.

nasce e morre; não preexiste ao nascimento, não subsiste à morte. Nestas formulações, a noção de perspectivismo se conecta com outras noções do pensamento nietzschiano, a saber, vontade de poder, fisiopsicologia, trágico, crítica à verdade, o que se afigura como mais uma ocasião para constatar a pluralidade constitutiva deste pensamento.

Os artigos que a revista *O que nos faz pensar* publica no dossiê *Nietzsche e o perspectivismo* abordam as distintas e interconectadas dimensões do perspectivismo nietzschiano. Maurício Fernando Pitta, em *O espírito é um estômago! Uma crítica fágica do perspectivismo espumológico de P. Sloterdijk*, articula uma reavaliação "antropofágica" do tipo de perspectivismo proposto por Peter Sloterdijk a partir de Viveiros de Castro, Deleuze & Guattari e Nietzsche; em *Semblantes do artista-perverso em Nietzsche*, Luiz Marcos da Silva Filho parte da comparação entre a perversão delirante nietzschiana e as estruturas clínicas elaboradas pela psicanálise freudo-lacaniana a fim de investigar a hipótese de haver performações perversas e delirantes na criação artística; Tiago Hermano Breunig, no artigo *Nietzsche em Apipucos*, estuda a recepção de Nietzsche na obra de Gilberto Freyre, dando destaque ao impacto desta recepção na interpretação freyreana da cultura e da sociedade brasileiras; *Do perspectivismo ao relacionismo: uma aproximação entre Nietzsche e Latour*, artigo de Ronaldo Pelli, explora as conexões entre o perspectivismo de Nietzsche e o relacionismo de Latour, mostrando que o último se torna um continuador do primeiro, alguém que fugiu de um realismo simplista sem cair no relativismo sem valores; Roberto de Barros Freire, no artigo intitulado *Perspectividade, efetividade e conhecimento em Nietzsche*, defende que mesmo pressupondo uma negação das noções tradicionais de verdade e conhecimento, a noção nietzschiana de perspectivismo não tende a uma forma de ceticismo nem de relativismo; no último artigo do dossiê, *Perspectivismo e relativismo: o conceito de relação na concepção nietzschiana de conhecimento*, Eder Corbanezi enfrenta o desafio de pensar as relações entre perspectivismo e relativismo, elucidando a compreensão nietzschiana de relação como etapa prévia indispensável para enfrentar a questão sobre o relativismo em Nietzsche.

Também compõem este número quatro artigos da seção Varia. No artigo *O mito de Sócrates*, Gabriele Cornelli e Erick Araújo apresentam a elaboração da proposição segundo a qual Sócrates é um personagem mítico, com implicações sobre os estudos dos diálogos socráticos de Platão; Marion Brepohl, Roseli Boschilia e Jaciel Rossa Valente, em *Entrevista com o doutor Celso Lafer acerca da recepção da obra de Hannah Arendt*, entrevistam Celso Lafer, único ex-aluno brasileiro de Arendt, com interesse na temática da recepção da

obra da filósofa no Brasil e o desenvolvimento de sua fortuna crítica; o artigo *Wisława Szymborska e o acontecimento – um pensamento poético*, de autoria de Roan Costa Cordeiro, analisa o pensamento poético do acontecimento configurado na obra da poeta polonesa Wisława Szymborska a partir da análise de um de seus poemas. No último artigo da seção, intitulado *A Temporalidade Criativa do Diálogo: Surpresa, Evento e Transformação Hermenêutica,* René Armand Dentz Jr. investiga, em diálogo com Romano, Bergson, Buber e Gadamer, a estrutura temporal da surpresa no contexto do diálogo face a face, propondo que esse fenômeno revela uma forma específica de temporalidade criativa, distinta do tempo cronológico linear.

Boa leitura!